

O BIJOU

PUBLICAÇÃO QUINZENAL LITTERARIA
DEDICADO ÀS DAMAS VIMBRANENSES

ASSIGNATURAS

Anno 300
Com estampilha 360

GUMARÃES

DOMINGO 4 DE JULHO DE 1886

TODA A CORRESPONDENCIA

Deve ser dirigida á
REDACÇÃO

RECEIO



HAVIA dissipado o negro manto da noite. A fagueira e risenha aurora tinha dado ingresso no orbe terrestre, enchendo de opalinas irradiações a amplidão do horizonte.

Elle, talvez só disposto a fruir os encantos da manhã, ia vagarosamente passando, sentindo levemente roçar-lhe no semblante o suave sopro da deliciosa briza.

Levanta um pouco os olhos, atenta o olhar, e usa admiravel, ficta-os em uma visão tentadora, que lhe chegou a proporecionar o extasi, com o brilho dos seus olhos e o alvor da sua phisionomia.

Ella, por entre os vidros, e quasi aconchegada á janella, deixava ver distinctamente em desalinho, os abundantes cabellos que lhe vinham cahir graciosamente sobre os hombros, fazendo mirificar ainda mais a sua deslumbrante belleza.

Era uma sympathica posição! Elle enlevado com tanta formosura, che rou a invejar a sorte nos vidros humedecidos pelo halito sahido dos seus nacaralos labios.

Esse desejo concebido em momentos, foi desfeito para dar logar ás agitações do coração.

Como levava na mão uma bonita rosa, ainda ha pouco collida, movido por um impulso desconhecido, estende o braço e offerece-lhe esse primor dá natureza, ella entreabrindo os labios com um sorriso attraheinte, meneou a cabeça em signal de recusa.

Elle, vendo-se humilhado por essa nefanda resposta, abaixou os olhos e tristemente seguiu o seu caminho.

Nunca mais tornou a elevar os olhos quando alli passava; porque, segundo elle

dizia, se um pequeno movimento de cabeça fez com que eu os abaixasse, uma recusa ao amor que me fez gerar no peito, poder-me-hia deixar cego...

A. Pires.

A GRADECENDO as immeritas phrases que nos dirige o nosso sympathico amigo Leal, não podemos resistir á tentação de dar publicidade ao seguinte cartao (o que devia-mos ter feito no segundo numero se o espaço o permittisse) que elle nos enviou de Coimbra; e ao mesmo tempo dizer-lhe que esperamos a continuação dos seus escriptos

«Meu presado amigo.

Obrigado pela fineza que me fez enviando-me o 1.º n.º do seu «Bijou».

Li-o com a avidéz com que se lêem as coisas que se adivinham bem escriptas. Confesso-lhe que gostei muito, muito. Don os meus mais cordeaes e sinceros parabens ao meu bom amigo e aos seus companheiros de trabalho. Peço-lhes que continuem. Affigura-se-me que o pequenino «Bijou» tem deante de si um largo porvir de gloria.

Sinto déveras não poder acceder ao pedido que o meu amigo me fez na sua ultima carta: sou completamente pobre de recursos litterarios; não sou capaz de alinhar uma phrase com geito. Se, ás vezes, á falta de qualquer outra distração me dá na veneta rabiscar qualquer coisa, sahem-me apenas banalidades. E quer porventura, o meu amigo, que eu vá conspurcar com um punhado de lama a sua perola?...
Longe de mim tal ideia.

Sempre seu

Antonio Leal.

VERGONHA E SUSPEITA

O Conde de Vimioso
D. Francisco Portugal,
Com bom conceito dizia,
Que duas irmãs havia
De condição desigual.

Uma, saindo imprudente
Uma vez com pouco tino,
Nunca mais entrar consegue...
Tal a força do destino!

Outra então, pelo contrario,
Podendo-se introduzir,
Fica logo radicada,
Ninguem mais a vê sair.

Diz-se *Vergonha* a primeira;
Diz-se a segunda—*Suspeita*.
Aquella vagueia perdida...
Esta atalaia, que espreita.

G.

CHRONICA DE COIMBRA

Ex.^{mas} damas vimaranenses.

O Sol, continuando pelo Azul em peregrinações de calor e luz, evapora a ultima gotta de orvalho do calice das açucenas e queima as ultimas petalas das rosas da Primavera, ao mesmo tempo que forma kaleidoscopios nas iriadas azas das borboletas... correndo o reposteiro do estio, entra na avenida da Natureza repimpado no seu coche de oiro, e, sedento, bebe os arroios e as fontes, loareja as searas, e... perdão, minhas senhoras.

*
**

N'este trecho da vida a que, abstractamente, chamamos Mocidade, nós os rapazes, entusiasmados pelas palpitações de um coração oxygenado de brisas primaveraes, commettemos imprudencias e predispomo-nos a empresas que só tem uma justificação nos desvarios da nossa idade. Ora vejam vossencias o que eu fiz ?!

O «Bijou» pediu-me uma chronica

e eu, para não me fazer rogado, amini immediatamente ao pedido e escrevi-a; mas, em logar de quebrar logo a penna de chronista, cahi na ingenuidade de me offerecer para continuar, se acaso vossencias sympathisassem commigo, que eu de caso pensado esbocei um perfeito romantico, lembrando-me que não estava assim no espirito da epocha e que porisso seria recusado formalmente.

Não me lembrei que me dirigia a senhoras cujo coração é um cofre de perolas onde se acoitam os mais delicados sentimentos. Generosas, condescendentes, amaveis em extremo, era de prever que me acceitassem. Assim aconteceu. Soube que muitos bilhetes perfumados tinham visitado a redacção do «Bijou», annuindo com todo o agrado á continuação do chronista de Coimbra.

Agradeço a vossencias a fineza e acceito tão melindroso compromisso. Resta agora que eu corresponda á expectativa. Mas... como? se eu escrevo para a mais formosa *elite* feminina, não só do Minho mas até de Portugal?!

Não sou eu o primeiro a affirmar-o; vossencias de certo conhecem os trovadores das vimaranenses e entre estes Julien Virey que disse: *as mais sympathicas portuguezas sahem de Guimarães*.

Ora sendo esta uma verdade affirmada por auctoridades insuspeitas e testemunhas oculares, vossencias, como modelos de belleza, decerto terão um ideal muito elevado, e uma chronica mal burilada será para vossencias uma pagina sem impressões. Para o chronista seria preciso portanto uma penna de oiro bordada a perolas para esboçar no estylo mais rendilhado e elegante os mais atrahentes quadros do *atelier* da natureza e reproduzir os pensamentos mais bellos, as imagens mais delicadas e mimosas, para enviar-lhes uma chronica fundida em pedaços de oiro, rubis e esmeraldas.

Assim por exemplo: para eu fe-

licitar as ex.^{mas} damas cujos nomes tem vindo indicados no «Boletim elegante» que annuncia os anniversarios natalicios, seria preciso recortar bilhetes de pedaços do Azul cravejados de estrellas e bordar com fios d'ouro o nome de tão distinctas senhoras entrelaçado na mais primorosa quadra de felicitação.

Mas, não podendo realizar-se este impossivel, pedirei á chronica singela e desprimorosa que substitua as minhas aspirações.

Mas... eu já ia divagando muito sem me lembrar que tenho de redigir o programma das minhas chronicas para o subinetter á approvação de tão gentis leitoras.

Mas hoje já o não posso fazer.

Por isso despeço-me, cumprimentando as minhas distinctas leitoras.
Coimbra, 28 de junho.

OILUARB SADLAC

TRES PERGUNTAS E TRES RESPOSTAS

1.^a—Onde morreu o rei D. Sebastião?

Responde o nosso Bernardes na elegia ao malogrado principe:

«Cahio na rubicunda e ardente areia
«O lusitano rei, e a lingua fria
«Deu o final suspiro em terra alheia.

2.^a—Qual foi a origem d'este desastre?

Responde Sá de Miranda:

«D'estes mimos indianos
«Hei grande medo a Portugal
«Que venham a fazer-lhe os danos,
«Que Capua fez a Annibal
«Vencedor de tantos annos.

3.^a—Quem, depois de Alcacer Kibir, entregou Portugalá Hespanha?

Responde o povo na antyphona:

«Steja El-rei Dom Henrique
«No inferno muitos annos,
«Que deixou no testamento
«Portugal aos Castelhanos!

Mattos Negrao

Boletim elegante

Desde o dia 7 até ao dia 15 do

corrente fazem annos as exm.^{as} sr.^{as}:

Dia 7—D. Josephina Augusta Ferreira.

Dia 11—D. Maria do Carmo Lemos.

Dia 15—D. Christina Amelia da Silva Carneiro.

Acham-se a banhos:

Caldas de Vizella—Os exm.^o srs. Visconde de Santa Luzia, Dr. Luiz Augusto Vieira e suas excm.^{as} familias.

Taipas—Os exm.^o snrs. Antonio Ribeiro da Costa Salgado, Antonio Augusto da Silva Carneiro e suas exm.^{as} familias.

Mathosinhos—As exm.^{as} sr.^{as} D. Laura de Oliveira Pinto e D. Maria de Oliveira Pinto.

NO ANNIVERSARIO FUNEBRE DO MEU PRESADO AMIGO O EX.^{mo} SNR. ANTONIO JOAQUIM D'OLIVEIRA CARDOSO

Cobriram-te da noite as sombras densas
Do espaço as mil espheras!

G. B.

Um anno é já passado sobre a louza
Que os restos teus encerra!
Um anno!...quão distante o fatal dia
Em que ás vascas cedendo da agonia,
Volveste á fria terra!

Oh! quantas vezes da mansão sideria,
A merencoria lua,
Fitando tua lobrega morada,
Sobre ella derramára contristada
Um raio da luz sua.

E o vento perpassando na folhagem
D'espessos arvoredos,
Vae, qual possesso proferindo queixas,
Na tua campa murmurar endeixas,
Uns mysticos segredos.

Alma gentil que de candura cheia,
O mundo abandonaste...
«Se lá no ethereo assento onde subiste»
A amizade sincera inda persiste,
Recorda os que deixaste.

Este canto recebe onde achar pude
O lenitivo á dôr...
Vae n'estes versos a oração fervente
Que envia hoje um verdadeiro crente
Ao solio do Senhor.

—Julho 1 de 1886— ALBANO BELLINO.

Tributo de indelevel saudade á memoria da minha extremosa amiga D. Rosa G. de S. Silveira, fallecida a 21 de junho, na Povoia de Varzim.

Aos vinte annos!... Quando a vida te sorria as mais doces illusões, a pallida e inexoravel morte precipitou-te na eternidade!...

Foi mais um anjo que voou ao ceu, porque sua alma candida ha muito que adejava para subir á etherea mansão a que pertencia.

A' memoria d'aquella que em vida me consagrou amizade affectuosa, escrevo estas singellas linhas, vertendo lagrimas de eterna saudade pela perda d'uma amiga que devéras estremecia.

Hoje que és junto de Deus, implora-lhe consolação para teus extremosismos paes, e lenitivo para a tua amiga saudosa.

Sobre a tua campa desfolho petalas de rosas e saudades.
Guimarães 28—6—86.

Adelaide A. R. d'Almeida.

A' MEMORIA SAUDOSA DO MEU AMIGO

ANTONIO CARDOZO

Era um genio, calhi!

Apagou-se para sempre a lampada da vida
No teu craneo intelligente;
Mas de ti uma saudade immorredoiira
Eu guardo eternamente.

Silva Guimarães

ENLEVO

Ao ver-te, Margarida, tão linda como os anjos,
Brilhando muito mais do que uma aventurina
Eu julgo-me no ceo, no throno dos archanjos.
Porque és igual a elles, pois és toda divina...

Ao ralar da manhã, quando desponta o sol,
Bendigo a Natureza, adoro o Creator,
Julgando ver a imagem em pleno arrebol.
Da minha Margarida, do meu mais casto amor.

Mitiga, oh! sim mitiga; põe termo a esta paixão;
Hombrea com a sorte, ligemos o viver!...
Se santa até final ronbando o coração
Ao ante que te adora e ama até morrer!...

Julho de 1886

Theotonio

DESCRENTE

A lua surgia no horisonte e espreguiçava os seus prateados raios sobre a natureza, e como um lirio immaculado, abria o calix d'amor na abobada celeste cravejada de scintillantes estrellas.

A brisa nocturna roubava a oloresa essencia das laranjeiras e espargia-a pelo ambiente, e lá em baixo o rio deslisava tão socegradamente que parecia embalar o somno d'uma creança.

Na sala luxuosamente mobilada a lua projectava o seu clarão cõr de perola, illuminando todo o interior e como que interrompendo a conversação que alli se ouvia.

Ella—elegante, formosa como os amores, deslumbrante com a belleza do rosto e com o brilhantismo das suas TOILETTES.

Elle, vivamente apaixonado por ella, estava alli como um escravo na eterna esperança de lhe ouvir uma palavra d'amor.

No volver dos seus olhos, no inclinar da cabeça, facilmente se adivinhava a angustia que lhe ia na alma e as pungentes torturas que a descrença d'ella lhe causava.

Era capaz de sacrificar a vida em prol da felicidade de quem tanto amava.

Estavam ambos n'um sophá.

Elle apertava-lhe febrilmente a mão setinosa, e declarava-lhe o amor mais puro e santo que pode existir; jurava que ella era o unico idolo do sanctuario occulto da sua alma; o unico aroma que docemente lhe perfumava o coração.

Mas ella não o podia amar; era-lhe impossivel acreditar em suas palavras; apenas sentia por elle sympathia e talvez compaixão.

Tambem ella amara muito e com sinceridade, mas mentiram-lhe, e a ingratidão murchou-lhe a flor da creença. Hoje não crê no amor; o seu coração é frio como a neve das mais altas montanhas.

E á confissão do seu amor, ella com um sorriso feito de incertesa, respondeu: «O meu coração, depois de muito sangrar, tornou-se de gelo. Mataram-me todas as aspirações, desfolharam-me todas as esperanças quando tudo me dourava a existencia—o meu amor morreu.»

A. Leão Martins.

Porto